



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

**Débora Nazário
Luisa Scherer Silveira**

***Diáspora:
Histórias de refugiados sírios em Florianópolis***

**RELATÓRIO TÉCNICO
do Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina de *Projetos Experimentais*
ministrada pelo Prof^o. Fernando Antonio Crocomo
no segundo semestre de 2017**

Orientadora: Prof^a. Flávia Guidotti

**Florianópolis
Novembro de 2017**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Débora Nazário
Luísa Scherer Silveira

Diáspora

Histórias de refugiados sírios em Florianópolis

RELATÓRIO TÉCNICO
do *Trabalho de Conclusão de Curso* apresentado à
disciplina de *Projetos experimentais*, ministrada pelo
Prof. Fernando Antonio Crocomo no
segundo semestre de 2017

Orientadora: Profa. Flávia Guidotti

Florianópolis
Novembro de 2017

FICHA DO TCC		Trabalho de Conclusão de Curso -		
JORNALISMO UFSC				
ANO	2017			
ALUNO	Débora Nazário e Luisa Scherer Silveira			
TÍTULO	DIÁSPORA: Histórias de refugiados sírios em Florianópolis			
ORIENTADOR	Flávia Guidotti			
MÍDIA	<input type="checkbox"/>	Impresso		
	<input type="checkbox"/>	Rádio		
	<input checked="" type="checkbox"/>	TV/Vídeo		
	<input type="checkbox"/>	Foto		
	<input type="checkbox"/>	Web site		
	<input type="checkbox"/>	Multimídia		
	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica		
	CATEGORIA	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional	
		<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
		<input type="checkbox"/>	Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:
<input type="checkbox"/>		Reportagem	(x) Florianópolis (x) Brasil	
<input type="checkbox"/>		livro-reportagem ()	(x) Santa Catarina () Internacional (x) Região Sul País: _____	
ÁREAS	jornalismo; videodocumentário; refugiados sírios; direitos humanos; adaptação cultural.			
RESUMO	Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é um videodocumentário sobre os refugiados sírios na cidade de Florianópolis. O vídeo tematiza as circunstâncias em que essas pessoas chegam na cidade, como isso se dá e o modo de adaptação à uma cultura totalmente diferente. Dentro deste grande tema, abordamos também as dificuldades com as burocracias de imigração, emprego, moradia, idioma, educação, religião e hábitos alimentares. O videodocumentário terá duração de 25 minutos e divide-se em quatro blocos separados pelos temas: chegada, idioma, trabalho e cultura. Os entrevistados contam suas experiências sobre cada um desses assuntos.			

AGRADECIMENTOS

A Billy, Judy, Kais, Nemer, Shaimaa e Yahya por compartilhar suas tristezas, saudades, alegrias, experiências e suas vidas conosco, e por nos confiar que suas histórias fossem bem contadas. À Professora Ed-Fátima Teixeira por ter nos apresentado pessoas incríveis. À orientadora Flávia Guidotti pelos aprendizados. À nossas famílias e amigos pela paciência, pelos equipamentos, pelas ajudas e por estarem ao nosso lado nesse momento importante das nossas vidas.

SUMÁRIO

1.RESUMO	4
2.INTRODUÇÃO	5
2.1 A Guerra Civil na Síria.....	6
2.2 A imigração síria no Brasil e em Florianópolis.....	7
2.3 Refugiados sírios em Florianópolis.....	7
3. JUSTIFICATIVAS DO TEMA E FORMATO	8
3.1 A escolha pelos refugiados sírios.....	8
3.2 O formato videodocumentário.....	10
3.3 A representação dos refugiados sírios na mídia brasileira.....	11
4. PROCESSOS DE PRODUÇÃO	11
4.1 Pesquisa e pré-apuração.....	11
4.2 As Gravações.....	14
4.3 Fontes.....	15
4.5 Edição e pós-produção.....	18
5. RECURSOS	20
6. DIFICULDADES E APRENDIZADO	22
7. REFERÊNCIAS	26
ANEXO A - TERMO DE AUTORIZAÇÃO E CESSÃO DE DIREITO DE EXIBIÇÃO DE IMAGEM DE MENOR DE IDADE	27
ANEXO B - ROTEIRO	28

1 RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é um videodocumentário sobre os refugiados sírios na cidade de Florianópolis. O vídeo tematiza as circunstâncias em que essas pessoas chegam na cidade, como isso se dá e o modo de adaptação à uma cultura totalmente diferente. Dentro deste grande tema, abordamos também as dificuldades com as burocracias de imigração, emprego, moradia, idioma, educação, religião e hábitos alimentares. O videodocumentário terá duração de 25 minutos e divide-se em quatro blocos separados pelos temas: chegada, idioma, trabalho e cultura. Os entrevistados contam suas experiências sobre cada um desses assuntos.

Palavras-chave: jornalismo; videodocumentário; refugiados sírios; direitos humanos; adaptação cultural.

2 INTRODUÇÃO

A Guerra Civil na Síria é a causa de uma das maiores crises humanitárias da história. Desde 2011, ano em que começou o conflito, 5 milhões de sírios abandonaram a terra natal e foram para outros países à procura de um lugar mais seguro para viver. Quem mais recebe refugiados sírios são os países vizinhos Turquia, Líbano e Jordânia: 3,6 milhões de pessoas foram para lá, segundo a ONU. O Brasil também está na rota de países procurados pelos refugiados de guerra desde a Primavera Árabe.

Apesar da distância e da cultura totalmente distinta, o número de sírios em situação de refúgio só cresce por aqui. A facilidade de conseguir o visto é a principal causa desse aumento de pedidos, seguido de maiores oportunidades de emprego e de familiares que vieram para o país em outra época. Essa rede de contatos e de pessoas culturalmente próximas, mas não necessariamente da mesma família, acaba sendo um motivo a mais na hora da decisão de vir para cá.

Os destinos mais procurados são as cidades grandes e capitais, mas há quem prefira lugares mais calmos para recomeçar a vida. Florianópolis tem sido cada vez mais procurada por refugiados, que enxergam na cidade um lugar em que há mais oportunidades de crescimento profissional por ser uma capital pequena.

Falando do contexto nacional, até 2016 foi concedido no país abrigo a quase 9 mil refugiados de 79 nacionalidades, sendo 2.200 sírios. Segundo dados do balanço feito pela ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados) até abril desse mesmo ano, o número total de solicitações de refúgio aumentou mais de 2.868% entre 2010 e 2015 no país: de 966 solicitações em 2010 para 28.670 em 2015. A maioria dos solicitantes de refúgio vem da África, Ásia (inclusive Oriente Médio) e Caribe.

Desde 2004 a diplomacia brasileira tomou um posicionamento em relação aos refugiados — em particular do Oriente Médio, após a Primavera Árabe —, no qual concede documentação necessária para residir legalmente no país. O aumento de pedidos para permanência por parte dos sírios ocorre por causa da Resolução Normativa nº17 do CONARE (Comitê Nacional para os Refugiados) de 20 de setembro de 2013 que diz:

§ 1º Poderá ser concedido, por razões humanitárias, o visto apropriado, em conformidade com a Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, e do Decreto 86.715, de 10 de dezembro de 1981, a indivíduos afetados pelo conflito armado na República Árabe Síria que manifestem vontade de buscar refúgio no Brasil.

Parágrafo único. Consideram-se razões humanitárias, para efeito desta Resolução Normativa, aquelas resultantes do agravamento das condições de vida da população em território sírio, ou nas regiões de fronteira com este, como decorrência do conflito armado na República Árabe Síria. (CONARE, 2013, p.1)

2.1 A Guerra Civil na Síria

Em março de 2011 começava a onda de protestos contra os regimes totalitários nos países do Oriente Médio, que foi chamada de Primavera Árabe. A Síria estava entre os países envolvidos e a população, que sofria com grande taxa de desemprego e o alto preço dos alimentos, questionava o governo ditatorial de Bashar Al-Assad, o qual tem sua família no poder há quase 50 anos. A luta armada na Síria começou quando os manifestantes passaram a ser fortemente reprimidos pelo governo, e o conflito se tornou militar cinco meses após o começo das manifestações. Muitos acreditam que o próprio regime armou os manifestantes, pois, assim, teria legitimidade para reprimir fortemente os protestos. A partir de então, cidades começaram a ser dizimadas por conta da repressão do governo, que usava armas letais para conter as manifestações.

Ao mesmo tempo que o movimento contra o regime de Al-Assad ia aumentando, o Estado Islâmico, um grupo extremista e braço da organização extremista Al-Qaeda até 2014, também ganhava força. O grupo afirma ser a autoridade religiosa sobre todos os muçulmanos, com o objetivo de tomar o controle do Oriente Médio e outros territórios. Em 2012, membros do Estado Islâmico com treinamento de guerrilha foram enviados à Síria para recrutar combatentes e aumentar o número de adeptos no país, e anunciaram uma frente de combate ao governo. Diferente dos militantes que são contrários ao regime militar que governa o país, o Estado Islâmico não defende a democracia.

Em 2014, o Estado Islâmico conquistou várias cidades da Síria e muitas pessoas foram mortas: quem não era muçulmano, quem não era sunita, homossexuais, e quem não concordava com seus princípios. A organização declarou a formação do califado na Síria e no Iraque, outro país em que o grupo atua fortemente, em 29 de junho de 2014. O Estado Islâmico intensificou a luta armada na Guerra Civil da Síria e diversas cidades foram destruídas por conta dos bombardeios planejados por eles e pelo governo.

Ainda em oposição ao governo e ao Estado Islâmico, também existe o Exército Livre da Síria, um grupo armado, pequeno se comparado às outras duas forças, formado por civis e principalmente por soldados do Exército Nacional que desertaram após as fortes repressões contra as manifestações. Eles defendem a democracia no país e constituem o grupo que está à frente da Guerra Civil Síria.

Hoje, a Guerra na Síria tem três atores principais: o governo de Bashar Al-Assad, que tem o apoio da Rússia, China e Irã, o Estado Islâmico e o Exército Livre, esse último financiado pelos Estados Unidos. Até 2014, o número de mortos na guerra da Síria era de 250 mil pessoas segundo a ONU, que desde então parou de contabilizar as vítimas.

2.2 A imigração síria no Brasil e em Florianópolis

A imigração sírio-libanesa no Brasil começou no final do século XIX, com as primeiras famílias instalando-se em São Paulo. Foi a partir dos anos 1920 e, em 1940, o Brasil recebeu o maior fluxo de imigrantes da Síria e do Líbano por conta da I e II Guerra Mundial. Se espalharam pelo Sul e Sudeste, principalmente nas capitais e grandes centros urbanos.

É nesse momento que a história da vinda dos imigrantes sírios ao Brasil se confunde com a de Florianópolis: vieram no começo do século XX, pelos mesmo motivos e a esmagadora maioria passou a viver do comércio e restaurantes típicos. Não se sabe os motivos que levaram esses imigrantes a escolher Florianópolis como destino final, mas acredita-se que o mercado e as oportunidades de emprego foram decisivos. Os primeiros sírios-libaneses que chegaram na cidade eram cristãos, motivo pelo qual a adaptação se deu de forma rápida. Os imigrantes muçulmanos vieram alguns anos depois e, por conta das diferenças de costumes, preferiram viver de forma mais discreta e reclusa, e conviviam mais com pessoas da comunidade islâmica, característica que é perceptível até os dias de hoje.

2.3 Refugiados sírios em Florianópolis

Os refugiados sírios começaram a chegar em Florianópolis em 2012 e um dos primeiros locais que procuravam (e ainda procuram) para pedir auxílio é o Centro Islâmico de Florianópolis, por conta do idioma e da religião. Segundo o sheik Amin Al Karam, do Centro Islâmico, é difícil saber o número exato de refugiados na cidade porque muitos chegam, mas não permanecem, deslocando-se para cidades vizinhas. Porém, estima-se que hoje vivam um pouco mais de 150 refugiados em Florianópolis.

No Centro Islâmico, os recém chegados recebem auxílio com as burocracias para conseguir o visto, com trabalho (muitos imigrantes já estabilizados na cidade têm seu próprio negócio e empregam os refugiados) e com moradia. Os imigrantes já instalados alugam imóveis no seu nome, são fiadores ou até abrem a porta de suas residências para recebê-los.

Os refugiados sírios que chegam em Florianópolis são geralmente homens, entre 20 e 35 anos, solteiros e de classe média. Ultimamente, famílias têm chegado

com mais frequência na cidade, o que dificulta na procura de uma primeira moradia, já que é preciso mais estrutura, sendo que muitas famílias são grandes e possuem crianças. Geralmente os sírios que decidem vir para a cidade fazem essa escolha por causa do mercado e oportunidades de trabalho, já que existe uma quantidade bem maior de refugiados nas cidades maiores, o que dificulta a procura de emprego. Parentes ou amigos que já moram aqui também influenciam nessa decisão, já que desse modo, os recém chegados têm a certeza de que haverá alguém para recebê-los e auxiliá-los nos primeiros meses de adaptação.

De acordo com Al Karam, os refugiados se adaptam bem, mas o idioma é o ponto fraco, principalmente para os mais velhos e para as mulheres, que demoram a aprender o português. “Imagine uma mulher síria com mais de 50 anos, que não trabalha fora, é dona-de-casa, que praticamente não tem contato com outras pessoas fora da comunidade islâmica?”, questiona Al Karam.

3 JUSTIFICATIVA DO TEMA E FORMATO

3.1 A escolha pelos refugiados sírios

A complexidade envolvendo os conflitos no Oriente Médio tem causado grande impacto no mundo inteiro e, atualmente, essa é uma das principais pautas na mídia internacional. Segundo a ONU, a Guerra Civil na Síria é a maior crise humanitária do século XXI. Os números comprovam o caráter devastador da guerra: são mais de 250 mil mortos (contagem feita até o ano de 2014), 11 milhões de desalojados e 5 milhões de refugiados. Até a expectativa de vida mudou na Síria, em 2010 era de 76 anos e nos dias atuais é de 55 anos.

Os primeiros refugiados sírios começaram a chegar no Brasil em 2011, assim que estourou a Guerra Civil na Síria. Falar sobre esses imigrantes no nosso país ainda parece ser algo novo, já que a mídia tem invisibilizado a pauta. Acreditamos que o motivo pelo qual a mídia não pautou a vinda dos refugiados sírios para o Brasil foi que, no mesmo período, os refugiados haitianos chegavam no país. Naquele momento, o governo brasileiro buscava por uma posição no Conselho de Segurança da ONU, e ajudou o Haiti, devastado por desastres naturais, de todas as formas que pôde, inclusive mandando o Exército Brasileiro em missão de paz. Por conta desta série de fatores, se justifica a diferença de tratamento da mídia entre os refugiados haitianos e os refugiados sírios no Brasil.

A vinda dos sírios para um país tão distante e diferente — em todos os sentidos — se deu principalmente por causa da facilidade em conseguir a permanência legal no país. Isso aconteceu a partir de 2013, quando o Comitê Nacional para Refugiados (CONARE) discutiu a proposta da Resolução Normativa N°17, que

tinha por objetivo flexibilizar os requisitos necessários para que os sírios pudessem adquirir o visto de turista e fazer, em território brasileiro, o pedido de refúgio (CONARE, 2013). Com o visto, os refugiados conseguem o CPF e um RG provisório que deve ser trocado após dois anos.

Apesar de conseguir quase todos os direitos de um cidadão brasileiro — na obtenção de RG e CPF, por exemplo — o Brasil, em comparação com outros países, é um país difícil se manter, já que o governo não oferece nenhum tipo de ajuda. Quando chegam, esses refugiados não entendem português e muitos não falam inglês. Sem saber o idioma, fica muito mais difícil conseguir um emprego. Assim que chegam, precisam pagar o aluguel, arcar com gastos de alimentação e algumas vezes até mandar dinheiro para a família que não está no Brasil. Com sorte, eles participam de projetos em universidades ou escolas que oferecem aulas de português gratuitas para refugiados. A UFSC oferece aulas de português que, em 2017, custam R\$510,00 por semestre para quem é de fora da comunidade acadêmica. Existe a possibilidade de isenção, mas a lista de documentos necessários é extensa e muitos refugiados ainda não possuem essa documentação.

O Brasil é um dos países mais rápidos de conceder visto aos refugiados sírios, mas um dos mais difíceis para se manter, ainda mais depois da crise econômica. O perfil do refugiado sírio no Brasil é um homem de vinte e poucos anos, solteiro, classe média alta e com ensino superior. No Brasil, muitas vezes são obrigados a trabalhar em subempregos sem carteira assinada. Trabalham durante alguns anos para juntar dinheiro e abrir o próprio negócio, ou ter uma reserva para sair do antigo emprego e ir à procura de um melhor, ou até mesmo para ajudar a custear a vinda da família para o Brasil.

A dificuldade em encontrar dados de refugiados e informações sobre a guerra na Síria para embasar este trabalho também demonstra que ainda há pouco documentado sobre o assunto no Brasil, tanto na academia quanto em organizações e entidades responsáveis ligadas à causa. Essa carência de dados e informações acontece também no âmbito internacional. A ACNUR parou de contabilizar as vítimas da Guerra na Síria em 2014, por exemplo. Para a Professora Doutora Karine de Souza Silva, do Departamento de Relações Internacionais da UFSC, essa falta de dados acaba gerando outros problemas, inclusive aos países que recebem os refugiados, pois “dificulta no sentido de promover campanhas de educação para a população local, a respeito dos direitos dos refugiados e solicitantes de refúgio”. A Professora Karine acredita que há interesse de países Europeus e outros países economicamente poderosos em não divulgar esses números, pois ao pensar quais e quem são os problemas que geram o conflito — e, por consequência, refugiados —, o nome desses

países viriam à tona, e os mesmo não querem assumir essa responsabilidade. Fazer o Trabalho de Conclusão de Curso sobre esse tema ajuda a visibilizar este assunto que consideramos tão importante na atualidade, no Brasil e em Florianópolis. Além disso, optamos por mostrar a vida dessas pessoas em Florianópolis, e não a passagem de suas vidas até aqui, que é como a mídia vem tratando desse assunto.

3.2 O formato videodocumentário

Optamos por videodocumentário por acreditar que é a maneira mais fiel de captar o que o entrevistado tem a dizer. Não só suas ideias e falas como também olhares, expressões faciais, vícios de linguagem e sotaque: para nós, tudo isso constrói um indivíduo, e não apenas o que ele está dizendo ao entrevistador. Como são refugiados, é natural que, muitas vezes, prefiram não falar sobre determinados assuntos ou traumas que passaram. Nesses momentos, o olhar é quem fala, dando o mínimo de noção sobre a dor que eles sentem para quem assiste.

Decidimos também pelo formato videodocumentário porque há mais liberdade na construção de um roteiro, na escolha de fontes e na possibilidade de fazer um jornalismo mais opinativo, em comparação ao que é feito na grande reportagem em vídeo, como explica Cristina Teixeira Vieira de Melo:

Ao contrário do que ocorre com os gêneros jornalísticos, nos quais se busca uma suposta neutralidade ou imparcialidade, no documentário a parcialidade é bem-vinda. O documentário é um gênero fortemente marcado pelo "olhar" do diretor sobre seu objeto. O documentarista não precisa camuflar a sua própria subjetividade ao narrar um fato. Ele pode opinar, tomar partido, se expor, deixando claro para o espectador qual o ponto de vista que defende. Esse privilégio não é concedido ao repórter, sob pena de ser considerado parcial, tendencioso e, em última instância, de manipular a notícia. (MELO, 2002, p.29)

Acreditamos que o videodocumentário seja mais persuasivo, por ser um produto de linguagem de fácil acesso, assim como disserta Bill Nichols no livro *Introdução ao Documentário*:

O vídeo e o filme documentário estimulam a espistelifia (o desejo de saber) do público. Transmitem uma lógica informativa, uma retórica persuasiva, uma poética comovente, que prometem a informação e conhecimento, descobertas e consciência. O documentário propõe a seu público que a satisfação desse desejo de saber seja uma ocupação comum. (NICHOLS, 2008, p.70)

3.3 A representação dos refugiados na mídia tradicional

Tivemos muita dificuldade em achar dados e números sobre refugiados sírios na cidade e produtos jornalísticos já produzidos que abordassem o recorte específico do nosso tema. Nas poucas matérias que encontramos, como uma edição do Jornal do Almoço da NSC Comunicação do dia 11 de setembro que entrevistou dois refugiados sírios, a narrativa se resumiu em mostrar uma condição de vítima, retratando o sofrimento e a saudade que eles sentem.

Essa matéria nos deu uma confirmação ainda maior de que esse é um assunto abordado pela mídia de maneira superficial e, na maioria das vezes, generalista. Por isso escolhemos trazer esse exemplo que enfatiza mais uma vez a nossa escolha por videodocumentário, este que foi construído através de um contato próximo com as fontes, e que nos permitiu fazer perguntas de modo que nos sentimos próximas o suficiente para dialogar sobre as suas experiências, até aquelas mais dolorosas.

Escolhemos não utilizar trechos em que nossas fontes se emocionaram falando sobre mortes e suas perdas. Tomamos essa decisão porque não queríamos retratá-los como os outros veículos já fazem, e nem reduzir a riqueza das suas vivências nessas bagagens, já que elas não se resumem a apenas isso. Além disso, é de se imaginar que essas pessoas sofreram muito na guerra e no processo de sair de seu país. Colocar mais atenção no que já está implícito, ainda mais quando se trata do sofrimento dos outros, é sensacionalismo.

Através da construção do nosso roteiro e das partes das entrevistas que escolhemos colocar no videodocumentário, nossa intenção também foi criar uma certa quebra de expectativas no público. Como já mencionamos, quando se fala em refugiados sírios, já é de se esperar que o assunto mais abordado seja dor e muito sofrimento. Por esse motivo, deixamos partes descontraídas e, novamente, salientamos aqui que foi uma escolha não utilizarmos muitos trechos em que suas tristezas foram expostas.

4 PROCESSOS DE PRODUÇÃO

4.1 Pesquisa e pré-produção

A ideia de fazer um documentário sobre refugiados sírios veio no segundo semestre de 2016, numa aula do curso de Cinema da UFSC ministrada pela Professora Aglair Bernardo, durante a apresentação do documentário “1234”, produzido pelo seu orientando Lídio Ramalho. O documentário ficcional falava sobre como os refugiados chegaram na cidade de Florianópolis. Muitas cenas foram gravadas no Centro Islâmico, e os entrevistados eram todos homens e se

comunicavam em árabe. Aí surgiu a vontade de falar mais sobre isso. Veio a curiosidade de saber como essas pessoas se adaptam à cidade, como vivem, se os hábitos culturais continuam vivos diante das adversidades e etc. Depois disso, as dúvidas começaram a aparecer: onde ou como conseguiríamos fontes? Como abordar temas tão delicados e subjetivos para pessoas de uma cultura totalmente diferente da nossa?

Entramos em contato com várias pessoas que pudessem nos auxiliar de alguma maneira a encontrar alguma fonte. Depois de algumas conversas, achamos nosso primeiro entrevistado numa agência de modelos, falando com a secretária. A partir de então, as coincidências foram muitas e fomos achando mais pessoas para participar.

Enquanto isso, em casa, pesquisávamos sobre a Síria, a Guerra Civil, a primavera árabe, a crise de refugiados, o Estado Islâmico, o governo da família Al-Assad, a religião muçulmana, a cultura árabe e a Resolução Normativa Nº17. Acessamos o site da ACNUR e do CONARE diversas vezes e nos perdemos em meio às matérias que lemos. Terminamos uma maratona de informações e concluímos que era bem complexo. Complexo demais para entender através de matérias da BBC e vídeos do Youtube. Precisávamos ouvir de alguém, era mais que necessário escutarmos opiniões pessoais sobre todas essas questões daqueles que viveram essa realidade.

Nessa mesma época, fizemos a leitura do relato autobiográfico em forma de *graphic novel* dividido em três livros “Árabe do Futuro”, que conta a história de Riad Sattouf, um menino filho de mãe francesa e pai sírio, que, ainda criança, foi morar na Líbia e depois na Síria. A leitura da série também nos deu uma dimensão do cenário político e cultural de três países e as suas principais diferenças e semelhanças, bem como os conflitos entre sunitas e xiitas e o posicionamento do Ocidente frente a Israel.

Durante a procura por entrevistados, tivemos contato com muitas pessoas, como membros da Pastoral do Refugiado e do GAIRF (Grupo de Apoio ao Imigrante e Refugiado de Florianópolis), e muitas delas nos aconselharam a falar com o sheik do Centro Islâmico de Florianópolis. E lá fomos nós. Um homem de cinquenta e poucos anos, com aparência firme, mas ao mesmo tempo calmo, nos recebeu com muita cortesia no Centro Islâmico, que fica na rua Felipe Schmidt, no Centro de Florianópolis. Nos apresentamos e pedimos que nos explicasse o conflito da Síria. E ele nos contou como as coisas foram parar do jeito que estão hoje — tudo, claro, de acordo com sua posição política e ideológica. Ele não nos olhava nos olhos. Homens muçulmanos que seguem a religião à risca não olham para as mulheres nos olhos, um costume cultural que já nos havia sido comentado antes.

As fontes foram surgindo, e a cada conversa com possíveis entrevistados, a ideia do videodocumentário ia ficando mais concreta: a abordagem, os possíveis blocos, os temas tratados. Quando encontramos a primeira mulher que iríamos entrevistar até então — e que no fim, não aceitou participar —, começamos a pensar na mulher síria inserida no contexto brasileiro: a diferença de tratamento que recebia aqui, os olhares dos homens na rua, o uso do hijab caso fosse muçulmana. Assim como conversar com uma mulher síria foi de extrema importância para como iríamos tratar deste assunto no documentário, o contato com cada entrevistado ou possível entrevistado foi essencial, pois cada um deles tem uma particularidade que nos chamou atenção e nos fez abrir os olhos para o que achamos importante apontar. Apesar de todos terem a mesma condição no Brasil — a de refugiado —, todos são muito diferentes entre si. Educação, o jeito como veem a religião, posicionamento político, forma como se relacionam, sonhos, escolaridade, região de onde vieram etc, tornam essas pessoas muito diferentes entre si.

A opção por não entrar no âmbito político se deu porque queremos dar ênfase à vida deles no Brasil, especificamente em Florianópolis. Para nós, se nossas fontes são pró ou contra governo Bashar Al-Assad, esses posicionamentos não acrescentariam e nem caberiam nos discursos sobre as vivências que escolhemos dar enfoque na narrativa. A complexidade desses assuntos também exigiria muito mais explicações, contextos, tempo e até mesmo pessoas entrevistadas, afinal, o conflito tem diversos lados e pode ser visto de muitas maneiras diferentes. Outro motivo pelo qual preferimos não adentrar nessa temática foi que um de nossos entrevistados era militante contra o governo de Bashar Al-Assad, e é considerado criminoso e procurado na Síria. A divulgação de sua imagem veiculada a opiniões ou pequenas menções sobre a política da Síria poderia acarretar problemas para ele.

Em agosto, quando estávamos prestes a começar as gravações, duas fontes que estavam pré-confirmadas desistiram de participar do videodocumentário. Lembramos de uma conversa que tivemos com um amigo já formado no curso, Lucas Inácio, que havia feito uma matéria sobre o Projeto Sementes Árabes, da Escola Lauro Muller, e nos passou o contato da professora responsável. O projeto consiste em dar reforço para os alunos refugiados sírios, tanto das matérias que têm dificuldades quanto com o aprendizado do português. Foi fácil de conversar com a Professora Ed-Fátima Teixeira: ela logo combinou um dia para que pudessemos conhecer e conversar com uma aluna refugiada síria que participava do projeto. Com ajuda da professora, conseguimos três fontes.

4.2 As Gravações

Começamos as gravações no final de agosto, com duas alunas e um aluno da EEB Lauro Muller: Shaimaa, Judy e Billy. Judy e Billy são irmãos, e Shaimaa, prima dos dois. Houve um problema no áudio e, uma semana depois, voltamos na escola para entrevistá-los novamente, mas dessa vez, Shaimaa não pode ir, então gravamos com os dois irmãos. A entrevista começou tensa, tanto nossos entrevistados como nós, mas logo se tornou uma conversa gostosa, quase que entre amigos. A escolha por gravarmos com três das nossas fontes na escola se deu por esse ser um ambiente em que os nossos entrevistados se sentem mais à vontade e que estão muito familiarizados.

Seguimos com uma média de uma entrevista por semana até a última semana de setembro, que foi quando gravamos a última entrevista. Usamos duas câmeras emprestadas de amigos, uma para filmar o plano geral e outra para o plano detalhe, dois tripés do Laboratório de Fotojornalismo e uma câmera e um microfone lapela do Laboratório de Telejornalismo, ambos para captação de áudio (com exceção da entrevista da Judy e do Billy, que usamos gravadores emprestados do Laboratório de Rádio).

Os locais de gravação dependiam de cada entrevistado. Judy e Billy foram juntos na escola, lugar em que sentiram confortáveis para serem entrevistados. Shaimaa também seria, mas quando combinamos de regravar a entrevista que não deu certo, a escola foi interditada naquele dia. Tivemos que improvisar e, quando sugerimos a Praça XV, por ficar esteticamente bonito, ela gostou da ideia. Kais e Yahya preferiram a UFSC por ser perto de onde moram e do local onde trabalham, respectivamente. Nemer quis ser entrevistado em seu restaurante, lugar onde passa mais de 12h por dia. Deixamos todos os entrevistados à vontade para que escolhessem o lugar de gravação.

Quando uma gravação era feita, tentávamos transcrevê-la o mais rápido possível. Isso aconteceu com as duas primeiras entrevistas, mas não conseguimos manter o ritmo com as outras. Terminamos todas as transcrições na última semana de setembro, com exceção da entrevista de Shaimaa, que aconteceu na semana seguinte. Com as transcrições feitas, foi mais fácil de montar o roteiro para começar a editar. Para isso, lemos com atenção todas as entrevistas, separamos as falas em temas, escolhemos as que achamos mais interessantes e ordenamos de acordo com a fala anterior. Feito isso, montamos um esboço na linha do tempo do Adobe Première.

As imagens de cobertura foram feitas em três partes. A primeira foi quando ainda não havíamos começado as entrevistas. Fomos no Centro para gravar as ruas

movimentadas, com muitas pessoas passando pela câmera, pois queríamos passar a ideia de que qualquer uma daquelas pessoas poderia ser eu, você ou um refugiado. A segunda vez foi quando combinamos com um amigo e estudante de Design da UFSC, Pedro Zacheu, de filmar no Centro com o seu drone. Pedimos para que ele filmasse algumas imagens aéreas e ele concordou na hora. No mesmo dia em que terminamos de filmar as imagens com drone, continuamos a filmar no Centro, mas com a mesma câmera que estávamos usando nas entrevistas. As imagens de cobertura foram na mesma linha da primeira vez que filmamos: pessoas. Depois de passar as imagens para o computador, sentimos falta de imagens que localizassem mais a cidade: paisagens como a Ponte Hercílio Luz e algumas praias, por exemplo. Percebemos, também, que não tínhamos muitas imagens da escola em que filmamos Billy e Judy. A terceira saída foi para captar essas imagens de cobertura. Fomos na praia da Joaquina, no mirante da Lagoa da Conceição, em Santo Antônio de Lisboa, na Beira-Mar para filmar o trapiche e a Ponte Hercílio Luz, e na EEB Lauro Muller.

4.3 Fontes

As primeiras fontes que conseguimos foi contando nosso tema para colegas, que nos falavam que conheciam um refugiado sírio e nos passavam contato; ouvíamos conversas em que falavam sobre isso e perguntávamos se conheciam. Foi assim que conseguimos os contatos de Kais Altabbaa e Yahya Alnablsi, que estão no documentário, e Nabila Yousif, que desistiu de participar em agosto. Em abril já tínhamos conseguido o contato dos três.

Enquanto isso, tentávamos conhecer mais pessoas através da Pastoral do Refugiado, do GAIRF, do Centro Islâmico ou de Bruna Kadletz, professora de português que dá aulas para mulheres refugiadas sírias, mas todos alegaram que não fazem esse tipo de ponte para contato, pois as pessoas poderiam se sentir coagidas a participar, já que alguém de confiança estaria “pedindo” que fizessem algo.

Conseguimos o contato da professora Ed-Fátima Teixeira com Lucas Inácio, amigo e ex-aluno do curso. A professora Ed-Fátima leciona na EEB Lauro Muller e mantém, junto com outra professora da escola, o Projeto Sementes Árabes, que auxilia estudantes refugiados sírios a aprender português e a tirar dúvidas de qualquer disciplina. O projeto funciona durante a manhã, contraturno dos alunos e alunas que participam. A Professora nos apresentou três estudantes: Shaimaa Yaseen, Belal Yaseen (ou Billy, como gosta de ser chamado) e Judy Yaseen. Billy e Judy são irmãos e primos de Shaimaa. Os três concordaram em participar do documentário.

O último entrevistado que conseguimos contato foi Nemer Bahbooh. Precisávamos de mais pessoas para o documentário e fomos em restaurantes árabes

do Centro de Florianópolis procurando por refugiados sírios, pois tínhamos a informação de que muitos deles trabalhavam como chapeiros ou cozinheiros nesses restaurantes. Por indicação de uma amiga, fomos até o restaurante de Nemer, localizado na Rua Padre Roma. Ele nos recebeu com café sírio e doces típico, ouviu o trabalho que queríamos fazer e decidiu participar na hora. Ficamos conversando cerca de 1h30: ele nos contou sua história, como havia trazido a família, lugares e dificuldades que havia passado.

Além dos entrevistados que aparecem no documentário, também entrevistamos o sheik Amin Al Karam, que não quis ser gravado, mas nos deu uma verdadeira aula sobre a Guerra Civil da Síria e se dispôs a ajudar no que fosse necessário. Foi com ele que conseguimos a maioria das informações sobre os refugiados sírios em Florianópolis, como a quantidade de refugiados, o perfil dessas pessoas, se vêm muitas famílias, como é feito o acolhimento, como a comunidade síria se organiza para ajudá-los, etc.

Também gravamos uma entrevista com a Professora Doutora Karine de Souza Silva, do Departamento de Relações Internacionais da UFSC, que é coordenadora do Eirènè (Centro de Pesquisas e práticas Decoloniais e Pós-coloniais aplicadas às Relações Internacionais e ao Direito Internacional). Nós chegamos até ela através do contato com a acadêmica de direito da UFSC Jessica Kindlein Angioletti, que participa do grupo de extensão do Eirènè intitulado NAIR (Núcleo de Apoio aos Imigrantes e Refugiados). Jéssica nos indicou uma conversa com a professora e nos falou sobre as ações do NAIR, realizadas semanalmente junto à Pastoral do Migrante de Florianópolis e que visam a integração dos imigrantes e refugiados.

Na entrevista, a Professora Karine nos explicou um pouco mais sobre as condições legais dos refugiados sírios do Brasil e em outros países; sobre a Resolução Normativa Nº17; sobre a dificuldade que os refugiados encontram em conseguir permanecer de forma legal em alguns países mais próximos da Síria e da facilidade que encontram em conseguir o RG e o CPF aqui no Brasil. A professora comentou também sobre as nítidas diferenças relacionadas a essas políticas de recebimento desde que a ex-presidenta Dilma Rousseff sofreu o impeachment.

Ao final das gravações, tínhamos sete entrevistas, sendo que em uma delas, duas pessoas foram entrevistadas juntas. Decidimos usar apenas as entrevistas com os refugiados sírios no videodocumentário, já que todos explicaram a parte burocrática de forma didática e que o público conseguisse entender. Além disso, optamos por deixá-los falarem por eles mesmos. Não queríamos que suas falas fossem confirmadas por especialistas, como estamos costumadas a ver na mídia tradicional.

Nosso interesse foi mostrar suas experiências, e ninguém melhor que eles mesmos para falarem sobre isso. Os entrevistados são:

- **Belau Yaseen**, ou Billy, como gosta de ser chamado, tem 21 anos. Ele e sua família deixaram a Síria rumo ao Líbano, e chegaram no Brasil em 2015. A primeira cidade brasileira em que moraram foi Barra dos Garças, no estado de Mato Grosso. Ficaram lá durante um ano e se mudaram para Florianópolis quando seus tios e primos, também refugiados sírios, chegaram na cidade. Billy completou o ensino médio na E.E.B Lauro Muller e participa do Projetos Sementes Árabes, mesmo depois de formado, pois acredita que ainda pode aprender mais português. Ele trabalha em uma loja de assistência de celulares, que pertence ao seu primo, durante a tarde. Sua cidade natal é Damasco, capital síria.
- **Judy Yaseen**, de 14 anos, é a irmã mais nova de Billy e também nascida em Damasco. Ela está no sexto ano da E.E.B. Lauro Muller e também faz parte do Projeto Sementes Árabes. É quem aprendeu português mais rápido de sua família. Uma das duas únicas entrevistadas mulheres. Já usa o hijab e percebeu logo cedo que a mulher muçulmana é uma estranha no Brasil.
- **Kais Altabbaa** tem 27 anos e chegou no Brasil no final de 2014. Foi preso e torturado pelo governo de Bashar Al-Assad. Ele veio para o país acompanhado de um amigo e vieram direto para Florianópolis quando chegaram. Já foi casado com uma brasileira que se converteu para a religião muçulmana, mas já estão separados. Todas as fontes refugiadas com quem falamos o conhecem. É bastante querido pela comunidade árabe. É formado em economia e marketing. É natural de Damasco.
- **Nemer Babooh** tem 26 anos e veio para o Brasil em 2013. Primeiro morou em Campinas e há cerca de um ano reside em Florianópolis. Primeiro, veio sozinho para o Brasil e trabalhou para guardar dinheiro e financiar a vinda de toda sua família, que chegou 2 anos depois. Na Síria, seu pai era dono de dois restaurantes. Nemer estudou gastronomia e se especializou nas massas para fazer as receitas sírias. Sua cidade natal é Homs.
- **Shaimaa Yaseen** tem 19 anos e é prima de Billy e Judy. Diferente de seus primos, foi direto para Florianópolis quando chegou ao Brasil com sua família, em 2016. Shaimaa é de uma família com as tradições muçulmanas bem fortes. Em Damasco, cidade onde morava, ela gostava muito de estudar e acha que a escola aqui é mais fácil, não levando em consideração a dificuldade que tem com o português. Ela está no último ano do ensino médio, também na E.E.B.

Lauro Muller, e quase desistiu quando começou a estudar lá por conta do choque cultural, mas hoje ela planeja fazer faculdade de administração.

- **Yahya Alnablsi** tem 35 anos e vende comida árabe na feira da UFSC e da Lagoa da Conceição. Veio direto para Florianópolis quando chegou ao Brasil, em 2013. Yahya teve muitas dificuldades para conseguir um lugar para morar nos primeiros meses e, ao contrário de quase todos os entrevistados, não teve ajuda da comunidade árabe. Yahya é de Damasco e tinha uma vida bem confortável na Síria. Tinha dois diplomas de administração, era dono da própria empresa e gerente de uma empresa de telecomunicações importante no país. Fala português muito bem, e diz que é devido à convivência com brasileiros.

Na primeira vez em que tivemos contato com cada um dos nossos entrevistados, todos estavam tímidos. Claro que, com alguns minutos de conversa, ficaram mais à vontade, mas a grande maioria não relaxou durante o primeiro encontro. Num segundo momento, quando levamos a câmera para gravá-los, ainda houve uma certa vergonha. Todas as entrevistas duraram mais de uma hora. Depois de 15 minutos com a câmera ligada, eles já estavam mais soltos do que no final do primeiro encontro. Já nos conhecíamos, o laço já havia sido criado. E a presença de uma câmera não foi suficiente para intimidá-los a ponto de sair uma entrevista ruim ou incompleta.

4.4 Edição e pós-produção

Ao terminarmos as gravações, tínhamos mais de 180 GB de conteúdo em vídeos e áudio. Chegamos nesse número fazendo a soma das entrevistas gravadas em três câmeras: duas de fotografia para fazer o plano geral e o plano detalhe, e uma do Laboratório de Telejornalismo para captação de áudio. As imagens de cobertura do Centro da cidade, e aquelas gravadas com drone, bem como os vídeos feitos por Yan Boechat na Síria, e áudios de gravador da primeira entrevista, também entraram nesse número.

Depois de rever e transcrever as entrevistas, separamos as respostas por temas e reunimos os trechos que mais gostamos. A partir deles, levamos esses trechos para a linha do tempo do programa *Première*, da Adobe, e fomos juntando os trechos pelos temas. Nessa primeira montagem, reunimos 1h30 de vídeos, e mais de seis blocos diferentes. No primeiro corte, diminuimos para 45 minutos e decidimos reorganizar os blocos em quatro, como no produto final. No segundo corte, conseguimos diminuir para 37 minutos. Após uma reunião com a orientadora, que apontou o que mais poderíamos cortar para que o documentário ficasse com menos

de 30 minutos, conseguimos diminuir 10 minutos e finalizamos com 27 minutos, já com as imagens de cobertura da Síria e de Florianópolis, e com espaço de um minuto entre um bloco e outro. Terminamos a edição na segunda semana de outubro e começamos a escrever os textos de introdução. Logo depois disso, colocamos as músicas, que escolhemos da biblioteca do Youtube, e começamos a legendar, colocar os textos nas imagens de cobertura da Síria e de Florianópolis e tipos de GCs. Após as legendas, tivemos ajuda do servidor do laboratório de Radiojornalismo Roque Bezerra para arrumar os áudios das entrevistas, especialmente o áudio da Shaimaa, que estavam com bastante ruídos. Encerramos esse processo dia 27 de outubro.

Durante a captação das imagens de cobertura de Florianópolis, optamos por gravar locais tradicionais da ilha, como a Ponte Hercílio Luz, o Mercado Público, o trapiche da Avenida Beira Mar e as praias, e lugares com bastante movimento, como as ruas Felipe Schmidt, Conselheiro Mafra, Jerônimo Coelho e a Praça XV, no Centro de Florianópolis. Como a maioria dos nossos entrevistados moram no Centro da cidade, por razões particulares de cada um, mas principalmente pela comodidade de ficar mais perto de comércios, escolas e possíveis trabalhos, concluímos que filmar as ruas do Centro seria mais uma representação da relação deles com o espaço em que vivem.

Gravamos também na E.E.B. Lauro Muller, onde três dos nossos entrevistados estudam, e nos preocupamos em deixar a câmera sempre desfocada para que as crianças no local não pudessem ser identificadas. Outro local que gravamos foi a Feira da Lagoa da Conceição, para filmar um dos nossos entrevistados preparando comidas árabes, assim como no restaurante de outro entrevistado, localizado na Rua Padre Roma.

Quando separamos as falas de cada entrevistado em temas, já tínhamos uma ideia de quais seriam os blocos. No primeiro corte, havíamos dividido da seguinte maneira: chegada, que envolvia as burocracias de visto, e adaptação como moradia, por exemplo; idioma, em que os entrevistados falavam sobre em quanto tempo aprenderam português, quais foram as dificuldades, etc; trabalho, que abordava o primeiro emprego, como conseguiram, se tiveram ajuda de alguém, como foi a experiência, com o que trabalhavam na Síria, e com o que desejam trabalhar; religião, que contaram um pouco sobre os costumes da religião muçulmana, como a prática da religião mudou quando vieram para um país ocidental, os preconceitos, etc; cultura, em que os entrevistados falam sobre as comidas típicas da Síria, como se adaptaram à culinária brasileira, quais são as coisas que mais estranharam ao chegar no Brasil, se há algo que não conseguem se acostumar, o que mais gostam no Brasil, etc; e, por último, de como era a Síria, onde falam de como era seu país de origem antes da

guerra, do que mais gostavam, as coisas que mudaram, e o que sentem saudade. No segundo corte, tiramos muitas partes e decidimos deixar quatro blocos: A Chegada, O Idioma, O Trabalho e A Cultura. O conteúdo dos três primeiros blocos não mudou, apesar de ter diminuído bastante. Já o bloco A Cultura ficou bastante diferente, pois inserimos as falas sobre religião. Apesar de sabermos que a cultura perpassa praticamente todos os assuntos do videodocumentário, achamos que caberia um bloco sobre o tema tratando de assuntos que são mais característicos sobre isso. Outra mudança que ocorreu foi que inserimos algumas partes em que os entrevistados falam sobre a Síria antes dos quatro blocos e antes das apresentações, logo depois das imagens de cobertura de Homs e Aleppo porque contrasta e desmistifica a Síria de guerras e destruída que foi construída pela mídia nos últimos anos.

Na pós-produção, decidimos pedir ajuda para Alice Silva, estudante de Design da UDESC e ex-aluna do curso, para editar as cores do documentário, pois não temos muita habilidade para cumprir com essa função de forma satisfatória. Por conta dos diferentes horários do dia em que fizemos as entrevistas e dos locais em que foram feitas, as cores de cada entrevista variaram bastante. Em especial a entrevista feita com Kais, que foi no fim de tarde e no ático da Reitoria 2, numa das salas que tem vista. A noite foi caindo, e as imagens, escurecendo.

Tivemos ajuda também da ex-aluna do curso Fernanda Struecker, que fez a identidade visual e as animações — abertura e entre blocos — para o documentário. Optamos por utilizar as cores marrom e branco no entre blocos, pois nos demos conta de que essas eram as cores predominantes no documentário, e que combinaria com a temática. Para a abertura e tipos de fontes, achamos melhor escolher algo mais simples e limpo, mas que não perdesse a força do tema.

5 RECURSOS

Financiamos a produção do documentário com recursos próprios, mas não tivemos muitos gastos, já que o tema do trabalho é em Florianópolis, mesma cidade em que moramos. Logo de imediato tivemos que comprar um HD Externo de 2TB, da Seagate, e um microfone lapela ML-100 S/R, que usamos apenas em uma entrevista, pois o mesmo não tem a mesma entrada da câmera de vídeo do Laboratório de Telejornalismo, utilizada para captação de áudio. Além disso, gastamos com passagens de ônibus e gasolina quando foi necessário utilizar carro para ir até as entrevistas ou nos locais em escolhemos para fazer as imagens de cobertura.

Não foi necessário comprar outros equipamentos, porque contamos com a ajuda de amigos que nos emprestaram e também com os laboratórios da UFSC. Os equipamentos que pegamos emprestados de amigos foram: duas câmeras fotográfica,

uma Nikon D5100 e uma Nikon D300; quatro cartões de memória: de 8GB, 16GB, 32GB e 64GB. Do Laboratório de Fotojornalismo, pegamos dois tripés emprestados; do Laboratório de Radiojornalismo, usamos dois gravadores Sony IC Recorder ICD-PX312 uma única vez; e, por fim, do Laboratório de Telejornalismo, utilizamos uma câmera de vídeo Sony NX-5 e uma lapela Lesson. Na edição, utilizamos um computador Acer Intel(R) Core(™) i3-2348M CPU @ 2.30GHz - 64 bits e um Avell TitaniumG1511, emprestado de um amigo. Abaixo estão todos os equipamentos tabelados e os gastos que tivemos com o videodocumentário:

Equipamento	Quantidade	Horas de uso (aproximado)	Preço
HD Externo Seagate 2TB	1	80h (edição)	R\$400,00
Microfone lapela ML-100 R/N	1	4h (duas entrevistas)	R\$150,00
Câmera fotográfica Nikon D5100	1	19h30 (7 entrevistas + imagens de cobertura)	- Emprestada de Cintya Ramlov para metade das entrevistas e Gustavo Rodrigo de Souza para a outra metade
Câmera fotográfica Nikon D300	1	13h30 (7 entrevistas)	- Emprestada de Gabriel Shiozawa Coelho
Cartão de memória (8 GB, 16 GB, 32 GB E 64 GB)	4 (um de cada)	19h30 (7 entrevistas + imagens de cobertura)	- Emprestados de Cintya Ramlov, Gabriel Shiozawa Coelho e Jéssica Castro Antunes
Tripé	2	19h30 (7 entrevistas + imagens de cobertura)	- Emprestados do Laboratório de Fotojornalismo da UFSC
Gravadores Sony IC Recorder ICD-PX312	2	2h (uma entrevista)	- Emprestados do Laboratório de Radiojornalismo da UFSC
Câmera de vídeo Sony NX-5	1	9h30 (5 entrevistas)	- Emprestada do Laboratório de Telejornalismo da UFSC
Microfone lapela	1	9h30	-

Lesson		(5 entrevistas)	Emprestado do Laboratório de Telejornalismo da UFSC
Laptop Acer Intel(R) Core™ i3-2348M CPU @ 2.30GHz - 64 bits	1	70h (transcrições, edição, relatório)	- Uso próprio
Laptop Avell TitaniumG1511	1	85h (transcrições, edição, relatório)	- Emprestado de Gabriel Shiozawa Coelho
Gasolina comum	½ tanque	-	R\$75,00
Passagens de ônibus	16 (ida e volta) x 2 pessoas	-	R\$124,00
Drone DJI Mavic Pro	1	1h	- Emprestado de Pedro Rocha Zacheu
Impressão	4	-	R\$100,00
DVDs	10 (banca + entrevistados)	-	R\$30,00
Capas de DVD	10 (banca + entrevistados)	-	R\$28,50
Tratamento de cor	1		R\$80,00

Total gasto: R\$987,50

6 DIFICULDADES E APRENDIZADOS

A ideia de fazer um documentário sobre refugiados sírios já começou assustadora. Tratar de pessoas que sofreram um trauma dessa dimensão, e um trauma que nunca passamos por algo parecido, é aterrorizante. O medo de intimidar, de fazer as perguntas doloridas para alguém e seus olhos marejarem de tristeza e saudade não é algo lá muito cômodo. Mas a coragem e a confiança na nossa sensibilidade veio — mesmo que por alguns instantes —, e nos agarramos nelas. Apesar de o videodocumentário não ser focado no sofrimentos dos refugiados, na vinda pra cá, ou de como foi a experiência de ter vivido na guerra, tivemos que perguntar sobre isso para podermos entender o contexto dessas pessoas. Saber o que aconteceu com nossos entrevistados foi primordial para que a empatia acontecesse com mais naturalidade — mesmo que não soubéssemos disso quando planejavamos fazer essas perguntas.

Ao conceber o projeto do videodocumentário, esse era o maior medo: de nos transformarmos em jornalistas urubus, que sobrevoam a tristeza e se alimentam de carniça. O medo tomou conta na primeira entrevista que fizemos, com Judy, Billy e Shaimaa. As perguntas sobre a guerra ou a vida na Síria foram poucas, e as respostas foram rápidas e rasas. Por coincidência do destino, tivemos problema com o áudio da entrevista.

Marcamos a entrevista de novo, para a semana seguinte. Dessa vez, Shaimaa não pode comparecer — ficamos sabendo na hora que ela não vinha. Entrevistamos os irmãos Judy e Billy e, apesar de já saberem as perguntas que iríamos fazer, eles responderam com mais entusiasmo do que na entrevista anterior. Já havíamos conquistado a confiança deles, e nesses momentos foi gratificante ver que conseguimos criar uma ligação e compartilhar empatia. Foi aí que sentimos que poderíamos ir mais longe e fazer mais perguntas sobre a parte triste de suas vidas — e eles permitiram. Ao final da entrevista, Judy e Billy estavam mais empolgados que nós duas com o videodocumentário. Para essa entrevista, havíamos planejado usar um gravador Zoom h6, emprestado de uma amiga, para captação do áudio. Na noite anterior, quando fomos testar, ele não estava funcionando. Por falta de opção melhor, usamos os gravadores Sony IC Recorder ICD-PX312 do Laboratório de Radiojornalismo.

Tivemos bastante dificuldade com a técnica de vídeo e de áudio. Com as câmeras, pedimos ajuda e nossas amigas nos explicaram o básico, já que fazia tempo que não usávamos câmeras fotográficas. A parte de áudio foi mais difícil. Quando fizemos a primeira entrevista, que foi com Shaimaa, Billy e Judy, fomos pegas de surpresa, porque havíamos combinado apenas com Shaimaa — nem conhecíamos Billy e Judy. Contudo, não tínhamos microfones lapelas suficientes conosco. Judy ficou sem microfone entre Shaimaa e Billy, pois é quem fala mais alto dos três. É claro que não deu certo e teríamos que refazer a entrevista. Remarcamos para uma semana depois, e nos preparamos: conversamos com o servidor do Laboratório de Radiojornalismo Roque Bezerra, que nos explicou um pouco sobre como funcionava o sistema dos microfones das câmeras que estávamos usando para gravar as entrevistas. Percebemos que essa não era uma boa opção para que o áudio ficasse como o desejado. Nossa opção era, então, um gravador H6 que pegaríamos emprestado com nossa amiga. Era mais complexo do que imaginávamos, mas conseguimos entender como funciona. Na noite anterior à entrevista, testamos em casa e o gravador estava com problema e não sabíamos como resolver. Sem tempo suficiente para pensar em algo melhor, tivemos que pegar dois gravadores do Laboratório de Radiojornalismo antes de ir para a entrevista, que era de manhã. Os

gravadores que pegamos emprestado são de péssima qualidade se comparado ao que tínhamos em mãos, mas era o que tínhamos. Acoplamos os microfones lapela e fizemos as entrevistas. A qualidade do áudio dessa entrevista não ficou como gostaríamos, já que o local da entrevista era numa escola e havia muito barulho como crianças brincando e sinos tocando, mas foi a solução que conseguimos para aquele momento. O ideal seria um microfone direcional, que estava fora do nosso orçamento e que, infelizmente, não conseguimos emprestado com ninguém. Nas demais entrevistas, tivemos a ideia de utilizar as câmeras do Laboratório de Telejornalismo apenas para captar os áudios.

Passamos por um problema parecido de áudio em outro momento, quando entrevistamos a Shaimaa sozinha. Era a nossa última entrevista. Marcamos com ela numa sexta-feira de manhã na E.E.B. Lauro Muller, como das outras duas vezes. Quando chegamos lá, Shaimaa estava nos esperando na frente do portão. A escola havia sido interditada naquele dia pois estava com falta d'água. Tivemos que pensar rápido numa solução, já que não queríamos perder a entrevista nem a viagem com os equipamentos, e decidimos entrevistá-la na Praça XV. Chegando lá, a fotografia estava linda, com cores vivas, e Shaimaa estava confortável para responder às perguntas. A entrevista estava correndo bem quando um funcionário da Prefeitura, com um soprador de folhas funcionando, começou a se aproximar do local em que estávamos. Sabendo que a possibilidade dos ruídos atrapalharem o áudio era muito grandes, falamos com Shaimaa se poderíamos fazer uma nova entrevista e aproveitamos para perguntar se poderíamos ir até a casa dela, para que ela fosse entrevistada no conforto de seu lar. Ela adorou a ideia, ficamos entusiasmadas e marcamos a entrevista para dois sábados seguintes. Dois dias antes da entrevista, Shaimaa desmarcou. Era a nossa última chance, pois já estávamos editando o vídeo e não dava mais tempo para gravar depois dessa data. Teríamos que fazer acontecer com o áudio cheio de ruídos da entrevista da Praça XV. Quando passamos para o computador, vimos que estava quase impossível de entender o que ela falava. Além do ruído do soprador, havia muitos ruídos altos de carros e motos. Pedimos ajuda ao Roque, que conseguiu diminuir bastante os ruídos, fazendo o máximo que pôde, mas não conseguiu deixar da forma que gostaríamos. Mesmo com todos os defeitos de áudio, achamos que a entrevista com Shaimaa deveria aparecer no documentário, pois ela é uma mulher jovem muçulmana num país em que o machismo acontece de maneiras muito diferentes às maneiras que ela está habituada a viver. Suas experiências trazem reflexões que não seriam possíveis com os demais entrevistados. Para nós, vale a pena correr o risco de utilizar um áudio que não está nas condições

que gostaríamos, para colocar mais uma representatividade feminina no documentário.

Outro desafio foi quando duas fontes desistiram de participar do documentário no mês em que começaríamos as gravações. As duas fontes eram mulheres, o que nos deixou bem frustradas, pois estávamos animadas por conseguir fugir do estereótipo masculino que refugiados sírios têm no Brasil. Sem essas duas entrevistadas, tínhamos apenas 3 fontes: Kais, Yahya e Shaimaa, pois ainda não sabíamos que Judy e Billy também iriam participar. Diante disso, fomos à procura de restaurantes árabes no Centro da cidade, pois tínhamos a informação de que a comunidade árabe emprega refugiados que a maioria dos restaurantes árabes eram de imigrantes. Fomos primeiro no Marina Comida Árabe, na Rua Padre Roma, por indicação de uma amiga. Lá conhecemos Nemer, que, por sorte, era o dono do restaurante. Depois de ouvir a proposta do trabalho e as perguntas que faríamos, concordou em participar do trabalho. Partimos em direção ao X-Kebab, localizado na Rua João Pinto. Tarek, o cozinheiro, nos recebeu no restaurante. Ele mal falava português. Ele entendia quase tudo, mas ainda não tinha vocabulário suficiente para se expressar e não quis ser entrevistado, mesmo com a ajuda de um tradutor e respondendo às perguntas em árabe.

Uma grande dificuldade foi um clichê do jornalismo: não querer cortar as entrevistas. Se pudéssemos, cortaríamos pouquíssimas coisas e entregaríamos o documentário com as entrevistas quase na íntegra. Achemos interessante praticamente tudo o que os entrevistados falaram. Cortar e editar foi difícil e doloroso, mas necessário, caso contrário, o videodocumentário estaria com 1h30 de duração e seria quase impossível manter a atenção em todas as partes.

Na reta final do trabalho, quando estávamos quase terminando a edição, uma amiga nos mostrou como editar as cores do documentário no Première. No dia seguinte, ao dar continuidade ao final da edição, percebemos que o computador estava travando e estava inviável de sincronizar as falas dos entrevistados. Constatamos que teríamos muita dificuldade em editar as cores e talvez não conseguiríamos fazer a tempo, e que precisaríamos de um computador mais potente para finalizar o trabalho. Pegamos um computador Avell Titanium G1511 emprestado de um amigo, que supriu com excelência as nossas necessidades. Para resolver o problema da cor — que não temos nenhuma experiência —, pedimos ajuda para a Alice da Silva, aluna de Design da UDESC e ex-aluna de Jornalismo da UFSC, que tem bastante experiência nessa área de edição de vídeos. Feito isso, tínhamos todos os nossos problemas resolvidos.

Com as dificuldades e desafios no processo do Trabalho de Conclusão de Curso, descobrimos que desespero não é amigo e que, nessa situação, não serve pra nada. Respirar fundo e abrir a cabeça para as infinitas possibilidades é sempre a melhor solução, afinal, há sempre uma saída pra tudo. O diálogo também foi essencial, entre nós duas e com outros amigos que já passaram pela “fase” complicada que é o TCC. Dividir as angústias e medos foram essenciais para tornar todo esse processo um pouco menos apavorante.

7 REFERÊNCIAS

MELO, Cristina Vieira Teixeira. O documentário como gênero audiovisual. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 5, n. 1/2, p. 25-40, jan./dez. 2002. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/ci/article/viewFile/24168/14059>>. Acesso em: 22 mai. 2017.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Papyrus Editora. Campinas, 2008.

NAÇÕES UNIDAS. **Estatuto do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados**. 1950. (Resolução 428 [V] de 14 de dezembro de 1950).

BRASIL. CONARE. **Resolução Normativa CONARE nº17 de 20 de setembro de 2013**. Atualiza a situação legal de refugiados sírios no Brasil. Disponível em: <<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=258708>>. Acessado em: 22 mai. 2017.

NAÇÕES UNIDAS. The UN Refugee Agency. **Figures at a Glance**. Statistical Yearbooks. 2017. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/figures-at-a-glance.html>> . Acessado em: 06 de nov. 2017.

GOULART, Tatiana de Andrade. “**A RESOLUÇÃO NORMATIVA Nº17 DO COMITÊ NACIONAL PARA OS REFUGIADOS**: uma análise do processo de tomada de decisão”. Florianópolis, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/134815/Monografia%20da%20Tatiana%20de%20Andrade.pdf?sequence=1>>. Acessado em: 07 de nov. 2017.

SATTOUF, RIAD. **O árabe do futuro**: uma juventude no Oriente Médio (1978-1984). Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

SATTOUF, RIAD. **O árabe do futuro 2**: uma juventude no Oriente Médio (1984-1985). Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

SATTOUF, RIAD. **O árabe do futuro 3**: uma juventude no Oriente Médio (1985-1987). Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

AL KARAM, Amin. Entrevista com o sheik Amin Al Karam: 08 mai. 2017. Florianópolis. Entrevista concedida a Débora Nazário e Luisa Scherer.

SILVA, Karine de Souza. Entrevista com a Professora Karine de Souza Silva: 06 de set. 2017. Florianópolis. Entrevista concedida a Débora Nazário e Luisa Scherer

**ANEXO A - TERMO DE AUTORIZAÇÃO E CESSÃO DE DIREITO DE EXIBIÇÃO DE
IMAGEM DE MENOR DE IDADE**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO E CESSÃO DE DIREITO DE
EXIBIÇÃO DE IMAGEM DE MENOR DE IDADE**

JUDI YASEEN, nacionalidade Síria, menor de idade, neste ato devidamente representado por seu (sua) responsável legal, Belal Yaseen, nacionalidade Síria, estado civil solteiro, portador da Cédula de identidade RG nº. _____, inscrito no CPF/MF sob nº 707.374.961-00, residente à Av/Rua Martinho Calado 112, nº 6, município de Florianópolis/Santa Catarina. AUTORIZO às acadêmicas Débora Nazário e Luisa Scherer Silveira, matrícula nº 13201737 e 13204403, CPF nº 08569722907 e 089.294.189-88, a gravar em vídeo imagens e depoimentos, bem como sua veiculação em qualquer meio de comunicação para fins didáticos, de pesquisa, festivais de jornalismo, cinema e de divulgação de conhecimento científico sem qualquer ônus e restrições. Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens e depoimentos não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

FLORIANÓPOLIS, 25 DE outubro DE 2017.
ASSINATURA [assinatura]

ANEXO B - ROTEIRO

ROTEIRO VIDEODOCUMENTÁRIO: DIÁSPORA: HISTÓRIAS DE REFUGIADOS SÍRIOS EM FLORIANÓPOLIS

Débora Nazário e Luisa Scherer

Tempo estimado: 25 minutos

Entrevistados:

Judy Yaseen – refugiada síria
Kais Altabbaa – refugiado sírio
Nemer Bahbooh – refugiado sírio
Belal (Billy) Yaseen – refugiado sírio
Yahya Alnablsi – refugiado sírio
Shaimaa Yaseen – refugiada síria

VÍDEO	ÁUDIO
<p>Imagem da Síria de prédios destruídos "DIÁSPORA" "HISTÓRIAS DE REFUGIADOS SÍRIOS EM FLORIANÓPOLIS" "UM FILME DE DÉBORA NAZÁRIO E LUISA SCHERER"</p>	som ambiente
<p>Imagem da Síria de prédios destruídos com um pedaço de pano balançando ao vento "Homs - Síria" "No final de 2010 começou uma onda de manifestações e revoluções contra o governo totalitário da Tunísia." "E logo se espalhou para outros países do Norte da África e do Oriente Médio." "Crédito de imagem: Yan Boechat"</p>	som ambiente
<p>Imagem de Aleppo, na Síria, com pessoas andando e um carro dando a ré "Alepo - Síria" "Crédito de imagem: Yan Boechat" "As primeiras manifestações na Síria começaram em março de 2011."</p>	som ambiente
<p>Imagem da Síria de mulheres caminhando "Crédito de imagem: Yan Boechat" "A população reivindicava por liberdade através de protestos pacíficos, mas o governo respondia com violência."</p>	som ambiente
<p>Imagem de uma rua destruída na Síria, com movimento de carros e pedestres</p>	som ambiente

<p>"Crédito de imagem: Yan Boechat" "A família Al-Assad está no poder desde 1971."</p> <p>Imagem numa praça da Síria, com um <i>outdoor</i> de Bashar Al-Assad, prédios destruídos e soldados e pessoas andando</p> <p>"Crédito de imagem: Yan Boechat"</p> <p>Imagem da Síria com crianças caminhando e levando uma bacia, e uma mãe de mãos dadas com uma menina</p> <p>"Crédito de imagem: Yan Boechat" "O Estado Islâmico entrou no conflito em 2014. Conquistou várias regiões da Síria e intensificou a luta armada contra o governo."</p> <p>Imagem da Síria com prédios destruídos e pessoas caminhando</p> <p>"Crédito de imagem: Yan Boechat" "Hoje, quem compõe a Guerra Civil na Síria é o Estado Islâmico, o governo de Bashar Al-Assad, grupos rebeldes sírios," "Estados Unidos, Rússia, Irã, Arábia Saudita, Turquia e outros países." "Cada um apoiando quem defende melhor seus interesses."</p> <p>Imagem da Síria com um prédio destruído e duas pessoas caminhando</p> <p>"Crédito de imagem: Yan Boechat"</p> <p>Imagem da Síria com uma mulher atravessando a rua e prédios destruídos ao fundo</p> <p>"Crédito de imagem: Yan Boechat" "São quase 5 milhões de cidadãos sírios que deixaram seu país desde 2011, segundo a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR)."</p> <p>Texto legenda: "Antes da guerra, eu via na TV a guerra em outro país chamado Palestina. Eu assistia a guerra lá e o que acontecia, mas agora eu assisto a Síria, a guerra lá..." "Antes da guerra, eu via na TV a guerra em outro país chamado Palestina. Eu assistia a guerra lá e o que acontecia, mas agora eu assisto a Síria, a guerra lá..." "Antes da guerra, eu via na TV a</p>	<p>som ambiente</p> <p>som ambiente</p> <p>som ambiente</p> <p>som ambiente</p> <p>som ambiente</p> <p>som ambiente</p> <p>sonora Judy: Antes da guerra, eu via na TV a guerra em outro país chamado Palestina. Eu assistia a guerra lá e o que acontecia, mas agora eu assisto a Síria, a guerra lá...</p> <p>sonora Kais: A mídia aqui fala muita mentira. O importante, pra mim, é que as pessoas que eu conheço aqui no Brasil saibam a verdade.</p>
---	--

guerra em outro país chamado Palestina. Eu assistia a guerra lá e o que acontecia, mas agora eu assisto a Síria, a guerra lá...”

“O amor tem outro significado lá. Porque quando alguém ainda quer encontrar namorada, até agora, na Síria, tem aquela pessoa que joga pedra na janela para a namorada sair sem os pais dela perceberem. Ainda tem esse amor.”

“Na Síria, na cidade ou na rua em que você mora, todos se conhecem. Aqui, talvez você não conheça a pessoa que mora ao prédio ao lado do seu. Não tem condição, também, cada pessoa é sozinha. Acho que na Síria é um pouco mais... social.”

“A única coisa que faltava na Síria era liberdade.”

Imagem aérea do Centro de Florianópolis do Largo da Alfândega
“Florianópolis - Brasil”

Imagem acelerada da Ponte Hercílio Luz

“De acordo com o Comitê Nacional para Refugiados (CONARE), foi concedido abrigo no Brasil a quase 2.500 refugiados sírios até 2016.”

Imagem acelerada em Florianópolis do Palácio Cruz e Souza com pessoa passando

Imagem em Florianópolis da praia de Santo Antônio de Lisboa

“Aqueles que chegam no Brasil geralmente possuem condições financeiras boas para arcar com os custos da viagem.

Os que não têm essas mesmas

sonora Nemer:

Quase metade da minha cidade toda está no chão. A gente tem casa, tem uma chácara, também, bem bonita, do meu pai. Tem dois restaurantes, também. Os dois restaurantes já estão no chão, não temos mais. Tem meu carro, minha moto. Tudo isso também já roubaram

sonora Kais:

O amor tem outro significado lá. Porque quando alguém ainda quer encontrar namorada, até agora, na Síria, tem aquela pessoa que joga pedra na janela para a namorada sair sem os pais dela perceberem. Ainda tem esse amor.

sonora Billy:

Na Síria, na cidade ou na rua em que você mora, todos se conhecem. Aqui, talvez você não conheça a pessoa que mora ao prédio ao lado do seu. Não tem condição, também, cada pessoa é sozinha. Acho que na Síria é um pouco mais... social.

sonora Kais:

A única coisa que faltava na Síria era liberdade.

RODA TRILHA

condições, com sorte conseguem sair da Síria.”

Imagem em Florianópolis da Rua Felipe Schmitt, com uma senhora sentada e pessoas caminhando

Imagem de um senhor arrumando um barco em Florianópolis na praia de Santo Antônio de Lisboa
 “As regiões Sudeste e Sul são os destinos mais procurados pelos refugiados devido à maior oportunidade de inserção no mercado de trabalho e à economia crescente.”

Imagem aérea da Rua Felipe Schmitt em Florianópolis, com pessoas caminhando
 “O Centro Islâmico é quem faz o acolhimento por ser uma comunidade culturalmente próxima dos refugiados e bem organizada.”
 “Segundo o sheik Amin Al Karam, há cerca de 150 refugiados sírios em Florianópolis.”

Imagem aérea do Centro de Florianópolis entre o camelô e o terminal de ônibus, com pessoas andando
 “A maioria dos refugiados conseguem moradia e emprego com a ajuda da comunidade árabe, já estabelecida na cidade há algumas gerações.”

Texto legenda:

“Meu nome é Kais Altabbaa.”

“Meu nome é Yahya Zakaria Alnablsi.”

“Meu nome é Judy e eu tenho 13 anos.”

“Meu nome é Billy, eu tenho 21 anos.”

“Meu nome é Nemer.”

“Meu nome é Shaimaa, eu tenho 19 anos.”

FIM DE TRILHA

sonora Kais:

Meu nome é Kais Altabbaa

sonora Yahya:

Meu nome é Yahya Zakaria Alnablsi

sonora Judy:

Meu nome é Judy e eu tenho 13 anos

sonora Billy:

Meu nome é Billy, eu tenho 21 anos

sonora Nemer:

Meu nome é Nemer

sonora Shaima:

Meu nome é Shaima, eu tenho 19 anos

RODA TRILHA

Entre-bloco fundo marrom
 "A CHEGADA لوصول"

Textos: legendas

"Nós estávamos na Síria, saímos por causa da guerra e fomos para o Líbano. Ficamos lá dois anos e depois fomos para o Brasil, mas antes de vir aqui, nós estávamos em Barra dos Garças (MT)."

"Eu saí em 28 de abril de 2013, indo pra Jordânia."

"Eu saí da Síria e fui para o Líbano. Depois Jordânia, depois Egito, depois Turquia, depois Grécia. Tentei entrar na Alemanha, mas não deu certo, daí eu voltei pra Turquia. Eu fiquei em vários lugares na Turquia, várias cidades, até que eu fui pra Embaixada do Brasil e deu certo."

"Eu morei em Dubai, depois de Dubai fui pra Turquia e depois da Turquia, vim aqui para o Brasil. Porque em Dubai eu morei quase nove meses e não me deram documento, RG... Aqui, no Brasil, me deram."

"Eu escolhi um estado que tem menos população porque quando tem menos população, tem qualidade de vida mais alta. Claro que o custo de vida vai ser mais caro, mas, ao mesmo tempo, vai ter qualidade melhor e você vai ter outras oportunidades de crescer."

"Tirei o meu documento em Campinas (São Paulo). Fui na Polícia Federal e me deram um papel pra preencher: o que eu trabalho, da onde eu venho, por que eu vim pro Brasil. E preenchi tudo e me deram o primeiro protocolo. Depois de quatro meses, cinco meses, ele me deu o RG. Durou dois anos. Depois eu troquei. Deu dois anos, eu troquei pra cinco anos. Aí veio o CPF junto."

"A gente estava pensando em ir pra São Paulo, mas depois que pensamos, São Paulo seria muito grande pra gente. Como a gente não fala nenhuma palavra em português, seria melhor acharmos uma cidade pequena."

"Lá em Campinas tem árabes, mas já faz muito tempo que eles estão lá, aí eles não me ajudaram, na verdade. Antes eu morei sozinho quase dois anos e oito meses. Depois eu trouxe a minha família aqui."

FIM DE TRILHA

sonora Judy

Nós estávamos na Síria, saímos por causa da guerra e fomos para o Líbano. Ficamos lá dois anos e depois fomos para o Brasil, mas antes de vir aqui, nós estávamos em Barra dos Garças.

sonora Yahya

Eu saí em 28 de abril de 2013, indo pra Jordânia.

sonora Kais

Eu saí da Síria e fui para o Líbano. Depois Jordânia, depois Egito, depois Turquia, depois Grécia. Tentei entrar na Alemanha, mas não deu certo, daí eu voltei pra Turquia. Eu fiquei em vários lugares na Turquia, várias cidades, até que eu fui pra Embaixada do Brasil e deu certo.

sonora Nemer

Eu morei em Dubai, depois de Dubai fui pra Turquia e depois da Turquia, vim aqui para o Brasil. Porque em Dubai eu morei quase nove meses e não me deram documento, RG... Aqui, no Brasil, me deram.

sonora Yahya

Eu escolhi um estado que tem menos população porque quando tem menos população, tem qualidade de vida mais alta. Claro que o custo de vida vai ser mais caro, mas, ao mesmo tempo, vai ter qualidade melhor e você vai ter outras oportunidades de crescer.

sonora Nemer:

Tirei o meu documento em Campinas. Fui na Polícia Federal e me deram um papel pra preencher: o que eu trabalho, da onde eu venho, por que eu vim pro Brasil. E preenchi tudo e me deram o primeiro protocolo. Depois de quatro meses, cinco meses, ele me deu o RG. Durou dois anos. Depois eu troquei. Deu dois anos, eu troquei pra cinco anos. Aí veio o CPF junto.

sonora Kais:

A gente estava pensando em ir pra

<p>Entre-bloco fundo marrom "O IDIOMA 'JJğ:"</p> <p>Texto legenda: "Aprender português foi uma decisão obrigatória."</p> <p>Texto legenda: "Uma coisa que nos ajuda é um programa de tradução, de telefone." "Quando eu entro no ônibus, por exemplo, eu tento falar com as pessoas. Até se elas riem de mim, eu aprendo." "Não, sem aula. Eu estudei em casa mesmo, sozinho."</p> <p>Imagens de Billy e Judy em uma sala de aula da escola EEB Lauro Muller, apontando para cartazes colados na parede e para um mapa</p> <p>Texto legenda: "Tem um projeto que se chama "Sementes Árabes". Tem uma professora que nos ajuda com a língua. Se tem tarefas, se tem alguma coisa que não entendemos, ela nos explica."</p> <p>Texto legenda: "Se tem tarefas, se tem alguma coisa que não entendemos, ela nos explica." "Só ficar estudando na aula, pela internet, legal, vale a pena. Mas não é a mesma coisa quando você convive com os brasileiros todos os</p>	<p>São Paulo, mas depois que pensamos, São Paulo seria muito grande pra gente. Como a gente não fala nenhuma palavra em português, seria melhor acharmos uma cidade pequena.</p> <p>sonora Nemer: Lá em Campinas tem árabes, mas já faz muito tempo que eles estão lá, aí eles não me ajudaram, na verdade. Antes eu morei sozinho quase dois anos e oito meses. Depois eu trouxe a minha família aqui.</p> <p>RODA TRILHA</p> <p>FIM DE TRILHA</p> <p>sonora Yahya: Aprender português foi uma decisão obrigatória.</p> <p>sonora Billy: Mais uma coisa que nos ajuda é um programa de telefone, de traduzir.</p> <p>sonora Kais: Quando eu entro no ônibus, eu tento falar com as pessoas. Até se eles riem de mim eu aprendo, sabe?</p> <p>sonora Nemer: Não, sem aula. Eu estudei em casa mesmo, sozinho.</p> <p>sonora Judy: Sim, tem um projeto que se chama "Sementes Árabes". Tem uma professora que ajuda nós com a língua. Se tem tarefas, se tem alguma coisa que não entendemos, ela explica para nós.</p> <p>sonora Yahya: Só ficar estudando na aula, pela internet, legal, vale a pena. Mas não é a mesma coisa quando você convive com os brasileiros todos os dias, né, espiando as coisas, que está acontecendo, é uma coisa bem diferente. Aprendendo as gírias, as palavras, as piadas, as zoeiras, tudo ajuda.</p>
--	---

dias, espiando as coisas que estão acontecendo, é uma coisa bem diferente. Aprendendo as gírias, as palavras, as piadas, as zoeiras, tudo ajuda."

Entre-bloco fundo marrom

"O TRABALHO 'لمع' "

Texto legenda:

"Eu trabalhe quase três anos. Trabalhei de manhã e à noite. Guardei todo o dinheiro. Não gastei nada, na verdade. Só o aluguel. Também trabalhei com roupa. Eu ia em São Paulo, comprava roupa e voltava pra Campinas. Aí colocava no chão, pra vender, no Centro. Eu comecei assim. Aí eu pensei: quase quatro anos trabalhando, já guardei dinheiro. E falei: vou abrir meu restaurante, trabalhar pra mim."
 "Mais de 350 currículos enviados à mão, mais de 400 enviados por e-mail e nenhuma resposta. Depois eu descobri que as pessoas estavam assustadas com o meu currículo. Cara que teve a própria empresa, um diploma de gestão, estudando outro diploma de administração, fala dois idiomas e agora o terceiro, ganha mais de cinco mil dólares por mês. "O que eu vou oferecer pra ele?"
 "Eu tentei trabalhar com as pessoas, mas não deu certo. Era no camelô, no Centro, mas não deu certo. Aí eu abri o restaurante. Restaurante árabe. Tem uma pessoa árabe que eu gosto muito. Quando ele ouviu que eu queria abrir um negócio, ele me falou "Eu confio em você" e falou "Tá bom, eu quero entrar como seu sócio". Daí, depois, eu vendi o restaurante e fiquei com uma empresa de marketing digital."

Imagem de Nemer e do pai no restaurante Marina Comida Árabe cortando pedaços de carne em um assador para preparar shawarma.

Texto legenda:

"Eu tenho um restaurante aqui no Centro de Floripa, Rua Padre Roma. Restaurante Marina Comida Árabe. É comida só árabe. Tem salgado, tem shawarma. O meu kibe, eu acho que é

RODA TRILHA

FIM DE TRILHA

sonora Nemer:

Eu trabalhe quase três anos. Trabalhei de manhã e à noite. Guardei tudo o dinheiro, não gastei nada, de verdade. Só o aluguel. Trabalhei também com roupa. Eu fui em São Paulo, comprei roupa, e vou pra Campinas. Aí coloco no chão pra vender, no Centro. Comecei assim. Ah, eu pensei, quase quatro anos trabalhando e falei ó: vou abrir meu restaurante, trabalhar pra mim.

sonora Yahya:

Mais de 350 currículos à mão e mais 400 pelo e-mail e nenhuma resposta. Depois eu descobri que as pessoas estavam assustadas pelo meu currículo. Cara que teve a própria empresa dele, um diploma de gestão, estudando outro diploma de administração, fala dois idiomas e agora o terceiro, ganhava mais de 5 mil dólares por mês. "O que eu vou oferecer pra ele?"

sonora Kais:

Eu tentei trabalhar com as pessoas mas não deu certo, na verdade. Era no camelô, no Centro, mas não deu certo. Daí abri o restaurante, restaurante árabe. Tem uma pessoa árabe que eu gosto dele muito. Quando ele ouviu que eu queria abrir um negócio, aí ele falou "Eu confio em você", e falou "Tá bom, eu quero entrar seu sócio". Aí eu vendi o restaurante e fiquei com uma empresa de marketing digital.

sonora Kais:

Eu tenho um restaurante aqui, no Centro de Floripa, na rua Padre Roma, o restaurante Marina Comida Árabe. É comida só árabe. Tem salgado, tem shawarma. O meu kibe,

o melhor kibe da ilha".
 "Hoje em dia eu faço a feira da UFSC na Universidade Federal toda a quarta-feira, e todo domingo na praça da Lagoa da Conceição.

Imagens de Yahya na praça da Lagoa da Conceição preparando um falafel para o cliente que o espera

Texto legenda:

"Eu escolhi trabalhar com comida, algo que eu nunca trabalhei. Aprendi todas as receitas com a minha mãe. Foram passadas por *Skype* com todas as dicas. Trabalho com comida é um trabalho muito legal que dá satisfação".

"Eu quero estudar e estudar, porque o meu sonho é ser médica."

"Eu também quero terminar a escola para ir para a universidade. Eu gostaria de fazer engenharia.

"Lá na Alemanha, quando uma pessoa estrangeira vai pra lá, a Alemanha deixa a pessoa em casa, dá dinheiro, ajuda. Não pode fazer nada. Essa pessoa fica sentada em casa igual mulher, não quer fazer nada. Eu não gostei. Mas aqui no Brasil, não. Aqui no Brasil trabalha onde você quiser, o que você quiser pode fazer. Se eu quero comprar um carro e botar no meu nome, quero comprar um apartamento, pode botar.

"Ano passado eu fui para a escola e, no primeiro dia, eu falei para minhas professoras Ed e Maria "Eu não quero mais". Elas falaram pra mim "Não, você precisa estudar, precisa estudar mais português, não pode só ficar em casa. Você precisa fazer alguma coisa na vida".

Entre-bloco fundo marrom

"A CULTURA "الثقافة"

eu acho que é o melhor kibe da ilha.

sonora Yahya:

Hoje em dia eu faço a feira da UFSC na Universidade Federal toda quarta-feira na praça da Lagoa da Conceição. Eu escolhi de trabalhar com comida, algo que eu nunca trabalhei. Aprendi todas as receitas, são receitas da minha mãe, foram passadas pelo *Skype*, com todas as dicas. Trabalho com comida é um trabalho muito legal que dá satisfação.

sonora Judy:

Eu quero estudar e estudar, porque o meu sonho é ser médica.

sonora Billy:

Eu também quero terminar a escola e ir para a universidade, eu gostaria de fazer engenharia.

sonora Nemer:

Lá na Alemanha, quando uma pessoa vai lá, tipo estrangeiro, não é, a Alemanha pega ele, deixa ele em casa, ajuda ele, não pode fazer nada. Essa pessoa fica sentada igual mulher em casa, não quero fazer nada. Eu não gostei. Mas aqui no Brasil, não. Aqui no Brasil: trabalha onde você quiser, vai, o que você quiser pode fazer. Tipo, eu quero comprar e botar no meu nome, quero comprar um apartamento, pode botar.

sonora Shaima:

"Ano passado eu fui para a escola e, no primeiro dia, eu falei para minhas professoras Ed e Maria "Eu não quero mais". Elas falaram pra mim "Não, você precisa estudar, precisa estudar mais português, não pode só ficar em casa. Você precisa fazer alguma coisa na vida".

RODA TRILHA

FIM DE TRILHA

Texto legenda:

"Todo árabe sabe que a Síria é um país de grupos. Tem cristãos, tem muçulmanos. Os muçulmanos tem de todos os grupos: tem alauítas, tem xiitas, tem sunitas. Antes da guerra eu nunca pensei nisso. Nunca perguntei "Qual é a sua religião?". Mudei coisas de religião? Não. Claro, não fiz isso. Mas coisas de cultura, sim. Quando eu acho isso errado, eu vou mudar. Tinha cabeça fechada para algumas coisa e agora está mais aberta. Porque tem que viver com o mundo que você está vivendo."

"A nossa religião é uma religião legal também porque você pode fazer as suas orações na sua própria casa ou em qualquer lugar do mundo que você quiser, porque a relação é entre você e Deus".

"Mesma religião, eu sou muçulmano. Na verdade, mudou um pouquinho. Lá tem mais mesquitas. Todos os bairros tem mesquitas lá na minha cidade. Aqui não tem. Aqui tem só uma mesquita no Centro pequenininha."

"Na questão religiosa, carne de porco, de jeito nenhum. Eu não aceito o animal. Esse animal não foi feito para ser comida, ele foi feito para a limpeza do ambiente."

"É que os meninos vão toda a sexta-feira para a mesquita, mas as mulheres rezam em casa."

"Tem também o mês do Ramadã, que fica o mês de jejum."

"O Ramadã é pra sentir como as pessoas que não comem, que não têm nada pra comer, pra sentir como elas se sentem. Você toma café da manhã às cinco horas da manhã e fica sem comer até às seis, cinco horas da noite."

"Preconceito? Não houve preconceito. Ainda hoje em dia em qualquer lugar, tu não se sente um estrangeiro."

"Na primeira aula na escola, tiveram alunos que coisas ruins pra mim. Também olhavam pra mim não felizes. Bravos, com medo, não sei."

"Tinha uma mulher que entrou no restaurante e falou pra mim "Sai do nosso país, não traz loucura de vocês pra cá. Ela falou muitas coisas. Eu dei pra ela um doce e falei pra ela "Você está falando

sonora Kais:

Todo árabe sabe que a Síria é país de grupos. Tem cristãos, tem muçulmanos. Os muçulmanos tem de todos os grupos: tem alauítas, tem xiitas, tem sunitas, tem... Antes da guerra eu nunca pensei nisso. Nunca perguntei "Qual é a sua religião?". Mudei coisas de religião? Não. Claro, não fiz isso. Mas coisas de cultura, coisas de cultura sim. Quando eu acho isso errado, eu vou mudar. Tinha cabeça fechada para algumas coisa e agora está mais aberta. Porque tem que viver com o mundo que você está vivendo.

sonora Yahya:

Mas a nossa religião é uma religião legal também porque você pode fazer as suas orações na sua própria casa ou qualquer lugar do mundo que você quiser, porque a relação é entre você e Deus.

sonora Nemer:

Mesma religião. Eu sou muçulmano, na verdade mudou só um pouquinho. Lá tem mais mesquitas, não é. Todos os bairros tem mesquitas lá na minha cidade. Aqui não tem. Aqui tem só uma mesquita no centro pequenininha, não é?

sonora Yahya:

Na questão religiosa, carne de porco, de jeito nenhum. Eu não aceito o animal, que esse animal não foi feito pra ser comida, ele foi feito pra limpeza do ambiente.

sonora Judy:

Os meninos vão toda a sexta-feira para a mesquita, mas as mulheres rezam em casa.

sonora Billy:

Tem também o mês do Ramadã, que fica o mês de jejum.

sonora Judy:

O Ramadã, ele é pra sentir como as pessoas que não comem, não têm nada pra comer, pra sentir como eles se sentem. É que você toma café da manhã cinco horas da manhã e

isso pra mim, mas vou fazer contigo como a minha religião me ensinou”.

“Eu acho que todas as religiões são as mesmas, porque todo mundo, Deus, não é? Vai na igreja, vai na mesquita, é tudo casa de Deus.”

“Tem pessoas que falam pra mim sobre o hijab. Que é diferente, não que não gostam, mas ok.”

“Quando eu vim pra cá, todo mundo me perguntava sobre o porquê eu uso o lenço, porquê eu coloco. Eu falo que é por causa da minha religião, eu tenho que colocar.”

“Quando eu cheguei aqui no Brasil, eu vi muitas pessoas, mulher e homem, se beijando na rua. Na Arábia, eu nunca vi isso, porque lá, como se fala? É um pouquinho fechado, não tem essas coisas. Também tem bebidas, muitas bebidas. Aqui no Brasil tem pessoas que dormem na rua. Na Arábia eu nunca vi.”

“As festas, eu não gosto muito. Eu acho muito aberto demais, sabe? Quando eu vi todo mundo beijando todo mundo... Fica difícil pra eu aceitar isso.”

“Eu quero casar com uma brasileira, mas ainda não peguei uma brasileira como eu quero. Na Arábia também é um pouquinho difícil. A família dela, o pai dela, a mãe dela, ela, eles pedem: “Você tem carro? Tem casa? Tem dinheiro?”. Então, como eu vou casar com ela se eu não tenho tudo isso? Mas aqui no Brasil é diferente. Eu gostei de uma pessoa e a pessoa gostou de mim, vamos namorar. Pra casar, é só ir no Centro, compra duas alianças, cada aliança R\$15 e já está pronto. Aí a gente mora juntos.

“Eu acho que aqui tem machismo também. Vocês têm, e têm demais. Eu não senti muita diferença, não. Agora que está mudando as coisas, tem lutas, tem não sei o quê. Aqui, vocês falam, lá não é muito”.

“Nós, mulheres na Síria, não podemos beijar homens. Não podemos, também, fazer “Oi, olá”.

“Outra questão também que é diferente, é a questão LGBT. As pessoas gays, lésbicas, casamentos, essas coisas não existem lá na nossa terra”.

“A maioria dos meus amigos brasileiros, tudo o que eles falam

fica sem comer até às seis, cinco horas da noite.

sonora Yahya:

Preconceito? Não houve preconceito. Ainda hoje em dia em qualquer lugar, tu não se sente estrangeiro.

sonora Shaima:

Na primeira aula na escola, tem alunos que falaram coisas pra mim, acho, não boas. Também olhavam pra mim não felizes. Bravos, com medo, não sei.

sonora Kais:

Tipo, tinha uma mulher que entrou no restaurante ela falou pra mim “Sai do nosso país, não traz loucura de vocês pra cá. Ela falou muitas coisas. Eu dei pra ela um doce e falei pra ela “Você está falando isso pra mim, mas vou fazer contigo como a minha religião me ensinou”

sonora Nemer:

Eu acho que todas as religiões são as mesmas, porque todo mundo, Deus, não é? Vai na igreja, vai na mesquita, é tudo casa de Deus.

sonora Shaima:

Tem pessoas que falam pra mim sobre o hijab. Esse é diferente, não que não gostam, mas ok.

sonora Judy:

Quando eu vim aqui, todo mundo perguntou porquê eu uso o lenço, porquê eu coloco. E eu falo é por causa da minha religião, eu tenho que colocar.

sonora Nemer:

Quando eu cheguei aqui no Brasil, eu vi umas pessoas, tipo mulher e homem, fica beijando na rua. Eu nunca, na Arábia, eu nunca vi isso, porque lá, como se fala? É um pouquinho fechado, não tem essas coisas. Também tem bebidas, muitas bebidas. Aqui no Brasil tem pessoas que dormem na rua. Na Arábia nunca eu vi.

sonora Kais:

As festas, eu não gosto muito. Eu acho muito aberto, aberto demais,

quando eu sento com eles é sobre as mulheres. Tudo bem, mulher é uma coisa muito importante na vida, mas o que eles falam, é uma coisa ruim, faz com que você não goste mais das mulheres."

"Nós temos praia, mas se tu vai na praia, tu não vai ver como aqui. Aqui é de boa. Todo mundo está andando com o fio dental, tem a competição do maior bumbum, do mais bonito. É o exagero que eu acho, um pouco."

"Quando eu fui lá (na praia), eu fui com o lenço e com a roupa. Ai todo mundo olhava pra mim, "Como ela vai nadar assim?"

"Para os muçulmanos, tem cinco rezas por dia. Em cada vez, todas as mesquitas na Síria fazem a chamada pra rezar, o *Adhan*. Ai você vai ouvir no país inteiro, tudo "*Alláhu Akbar, Alláhu Akbar*". Isso que eu sinto mais falta, que não tem aqui. Que não pode ter, na verdade. A mesquita aqui tentou pedir para o governo do Brasil, mas eles não aceitaram."

"Nem todas as comidas árabes tem aqui."

"Tem algumas frutas que tem no Brasil, mas não tem na Síria."

"Eu fico sentindo saudades das frutas, "Ai, quero comer isso."

"Por exemplo, damasco tem bastante na Síria, fruta damasco. Tem tâmara... "

"Eu sinto falta de andar no meu Mustang 5.0, V8, conversível, como um maluco e sentir meu cabelo assim porque é um carro conversível. Sinto falta de comer comida e não fazer comida. Claro, além de tudo isso, eu sinto falta do meu bairro, dos meus amigos, da minha família."

"Da minha cidade, meu bairro, minha casa, meus amigos. Tenho muitos amigos também, eu gosto muito deles. Tem dois amigos meus que já morreram. Esses meus amigos eram quase meus irmãos, na verdade. Eles estavam em casa, chegou o avião, jogou a bomba e aí... Ah, não gosto de falar sobre isso."

"Duas palavras. Ser refugiado é nascer de novo. Sabe por que? Porque você está construindo tudo do zero. Amizade, confiança própria – ou com os outros –, a língua, trabalho, ambiente, amigos, família,

sabe? Quando eu vi todo mundo beijando todo mundo... Fica meio difícil pra mim aceitar isso"

sonora Nemer:

Eu quero casar com uma brasileira, mas ainda não peguei uma brasileira, tipo, como eu quero, não é? Na Arábia também é um pouquinho difícil. Ah, a família dela, o pai dela, a mãe dela, ela pede: "Você tem carro? Tem casa? Tem dinheiro?". Então, como eu vou casar com ela se eu não tenho tudo isso? Mas não, aqui no Brasil é diferente. Eu gostei de uma pessoa e a pessoa gostou de mim, vamos namorar. Pra casar, é só ir no Centro, comprar duas alianças, cada aliança R\$15 e já pronto. Ai a gente mora juntos.

sonora Yahya:

Eu acho que aqui tem machismo também. Vocês têm, e têm demais. Eu não senti muita diferença, não. Agora que está mudando as coisas, tem lutas, tem não sei o quê. Aqui, vocês falam, ali não é muito.

sonora Shaima:

Nós, mulheres na Síria, não pode beijar homens. Não pode, também, fazer "Oi, olá".

sonora Yahya:

Outra questão também que é diferente, é a questão LGBT, né? As pessoas gays, lésbicas, casamentos, essas coisas não existem lá na nossa terra.

sonora Kais:

A maioria dos meus amigos brasileiros, tudo o que eles falam quando eu sento com eles é sobre as mulheres, mulheres, mulheres, mulheres... Tudo bem, mulher é uma coisa muito importante na vida. Mas o que eles falam é uma coisa ruim, não deixa gostar das mulheres.

sonora Yahya:

Nós temos praia, mas se tu vai na praia, tu não vai ver como aqui. Aqui é de boa. Todo mundo está andando com o fio dental e acontece do bumbum mais grande, mais bonito. O exagero, que eu acho, um pouco.

felicidade, memórias, choros, tristezas, tudo de novo, do zero. O que vai sobrar pra ti são só as memórias."

"Um refugiado é uma pessoa que saiu do país dela e não era sua opção, era a sua única opção. É que tem a esperança de voltar um dia."

sonora Judy:

Porque quando eu fui lá, eu fui com o lenço e com a roupa. Todo mundo olhava pra mim, "Como ela vai nadar assim?".

sonora Kais:

Para os muçulmanos tem cinco, cinco, reza cinco vezes por dia. Em cada vez, e em cada vez desses, todas as mesquitas na Síria fazem a chamada pra rezar, Adhan. Daí você vai ouvir, o país inteiro, tudo "Alláhu Akbar, Alláhu Akbar". Isso que eu sinto mais falta, que não tem aqui. Que não pode ter, na verdade.

sonora Judy:

Nem todas as comidas árabes tem aqui.

sonora Billy:

Tem algumas frutas que tem no Brasil, mas não tem na Síria.

sonora Judy:

Daí fica sentindo saudades das frutas, "Ai, quero comer isso."

sonora Billy:

Por exemplo, damasco, tem bastante da Síria. Fruta damasco, têm tâmara...

sonora Yahya:

Eu sinto falta de andar no meu Mustang 5.0, V8, conversível, como um maluco e sentir meu cabelo assim porque é um carro conversível. Sinto falta de comer comida e não fazer comida. Claro, além de tudo isso, eu sinto falta do meu bairro, dos meus amigos, da minha família.

sonora Nemer:

Da minha cidade, meu bairro, minha casa, meus amigos. Tenho muitos amigos também, eu gosto muito deles. Tem dois amigos meus que já morreram. Esses meus amigos eram quase meus irmãos, na verdade. Eles estavam em casa, chegou o avião, jogou a bomba e aí... Ah, não gosto de falar sobre isso.

sonora Yahya:

<p>Tela preta e textos na tela "DIÁSPORA" "Histórias de refugiados sírios em Florianópolis" "Um documentário de Luisa Scherer e Débora Nazário" "Orientação Flávia Guidotti"</p> <p>Crédito final</p>	<p>Duas palavras. Ser refugiado é nascer de novo. Sabe por que? Porque você está construindo tudo do zero. Amizade, confiança - própria - ou com os outros-, a língua, trabalho, ambiente, amigos, família, felicidade, memórias, choros, tristezas, tudo de novo, do zero. O que vai sobrar pra ti são memórias.</p> <p>sonora Kais: Um refugiado é uma pessoa que saiu do país dele e não era sua opção, era a única opção dele. É que tem esperança de voltar um dia.</p> <p>RODA TRILHA</p> <p>FIM DA TRILHA</p>
---	--

